

Um estudo sobre concepções de transitividade no
funcionalismo norte-americano de Hopper e
Thompson e na Linguística Sistêmico Funcional

Un estudio sobre concepciones de transitividad en el
funcionalismo norteamericano de Hopper y Thompson y en
la Lingüística Sistémico Funcional

A study on transitivity notion in the American functionalism
of Hopper and Thompson and in Systemic-Functional
Linguistics

Gabriela Rempel¹

RESUMO: O Funcionalismo é uma abordagem teórica de estudos da linguagem que promove a investigação da função comunicativa da língua e de seu caráter social. Essa corrente de estudos diferencia-se do formalismo, que examina a língua em sua estrutura/forma, categorizando-a como um objeto autônomo. O presente estudo vincula-se à perspectiva funcionalista de estudos da linguagem e busca elaborar uma reflexão de caráter teórico sobre duas vertentes do funcionalismo no que tange ao conceito de transitividade. Dessa forma, este artigo tem como objetivo descrever e comparar a noção de transitividade no modelo norte americano dos autores Hopper e Thompson (1980) e na Linguística Sistêmico Funcional de Halliday (2004). A partir da discussão levantada, percebe-se o potencial das duas vertentes, e de seus aparatos de análise, como bastante frutíferos para o exame do uso efetivo da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo. Transitividade. Parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson. Linguística sistêmico-funcional. Metafunção ideacional.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na área de concentração de Linguística Aplicada e na linha de pesquisa de Linguagem: discurso, cultura escrita e tecnologia. E-mail: gabriela.rempel@gmail.com.

RESUMEN: El Funcionalismo es un enfoque teórico de estudios del lenguaje que promueve la investigación de la función comunicativa de la lengua y de su carácter social. Esta corriente de estudios se diferencia del formalismo, que examina la lengua en su estructura / forma, categorizándola como un objeto autónomo. El presente estudio se vincula a la perspectiva funcionalista de estudios del lenguaje y busca elaborar una reflexión de carácter teórico sobre dos vertientes del funcionalismo en lo que se refiere al concepto de transitividad. De esta forma, este artículo tiene como objetivo describir y comparar la noción de transitividad en el modelo norteamericano de los autores Hopper y Thompson (1980) y en la Lingüística Sistêmico Funcional de Halliday (2004). A partir de la discusión levantada, se percibe el potencial de las dos vertientes, y de sus aparatos de análisis, como bastante fructíferos para el examen del uso efectivo de la lengua.

PALABRAS-CLAVE: Funcionalismo. Transitividad. Parámetros de transitividad de Hopper y Thompson. Lingüística sistêmico funcional. Metafunción ideacional.

ABSTRACT: Functionalism is a theoretical approach of language studies that promotes the research of the communicative function of the language, and its social character. This current of studies differs from Formalism, which examines the language in its structure/form, categorizing it as an autonomous object. This study is linked to the functionalist perspective of language studies and seeks to elaborate a reflection on two aspects of functionalism in relation to the concept of transitivity. In this way, this article aims to describe and compare the notion of transitivity in the North American model of the authors Hopper and Thompson (1980) and the functional systemic linguistics of Halliday (2004). From the discussion raised, we perceive the potential of the two strands, and their analytical apparatus, as quite fruitful for the examination of the effective use of the language.

KEYWORDS: Functionalism. Transitivity. Transitivity parameters of Hopper and Thompson. Systemic functional linguistics. Ideational metafunction.

Introdução

Há uma vasta gama de perspectivas teóricas filiadas aos estudos linguísticos de tradição funcionalista. Segundo Castilho (2012, p. 22), essas diferentes abordagens teóricas mantêm em comum alguns postulados: i) a língua é uma competência comunicativa; ii) as estruturas linguísticas não são objetos autônomos; e iii) a explicação linguística deve ser procurada nos usos linguísticos e em uma percepção panocrônica da língua. Para o autor, as diversas vertentes funcionalistas diferem na ênfase que dão a cada um desses postulados.

Pezatti (2004, p. 168) também argumenta que os modos funcionalistas de ver a linguagem convergem em dois pontos. Para a autora, em primeiro lugar, esses estudos têm uma concepção de linguagem como um instrumento de comunicação e de interação social e, em segundo lugar, defendem o estabelecimento de um objeto de estudos baseado no uso real da língua(gem).

Tomando como pano de fundo a discussão das abordagens funcionalistas, este estudo visa discutir teoricamente duas visões de funcionalismo. Este artigo pretende apresentar as semelhanças e as diferenças da abordagem norte-americana de Hopper e Thompson (1980) e da Linguística Sistêmico Funcional (doravante LSF) desenvolvida, principalmente, pelo linguista inglês Halliday (1989, 2004). Considerando que as duas perspectivas são amplos modelos teóricos, foi delimitado um recorte. Por isso, o artigo descreve e discute a concepção de transitividade para as duas perspectivas.

Conforme sugere Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 9), a concepção de transitividade, nos estudos gramaticais, refere-se ao “[...] ao grau de completude sintático-semântica dos itens lexicais empregados na codificação linguística de eventos, de acordo com diversas possibilidades de transferência de uma atividade de um agente para um paciente”. Comumente, a gramática tradicional une a noção de transitividade apenas a um elemento da oração: o verbo. Como será sustentado ao longo deste artigo, essa visão é revogada na vertente funcionalista, que atribui a noção de transitividade a outros componentes oracionais. Nas palavras de Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 10)²,

[...] estudos que se filiam ao funcionalismo buscam identificar múltiplas possibilidades de manifestação da transitividade em contextos variados de uso da língua, averiguando motivações

² A obra de Furtado da Cunha e Souza (2011), que analisa a transitividade em múltiplos contextos, é tomada como base para este artigo, uma vez que essas autoras também fazem uma descrição dos dois modelos de transitividade aqui contemplados: Hopper e Thompson (1980) e da LSF.

funcionais (semântico-pragmáticas, sociais, cognitivas) subjacentes a cada situação.

Em termos de organização, este artigo é dividido em mais três seções. Inicia-se a discussão com a apresentação do modelo norte-americano de Hopper e Thompson. A segunda seção descreve a LSF e o sistema de transitividade de Halliday. Por fim, apresentam-se as considerações finais onde se busca estabelecer comparações entre os modelos. Antes de iniciar a discussão sobre a primeira concepção de transitividade, destaca-se que o presente estudo é oriundo das discussões levantadas no terceiro módulo da disciplina de Linguística Geral do Programa de Pós-graduação de Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Esse módulo debateu a tradição funcionalista da linguagem e a participação da autora nesse cenário discursivo desencadeou este artigo.

A noção de transitividade desenvolvida por Hopper e Thompson

O conceito de transitividade cunhado por Hopper e Thompson foi publicado na revista *Language* em 1980 no artigo intitulado *Transitivity in grammar and discourse*. Nessa abordagem, os autores tratam o fenômeno como uma propriedade central no uso da linguagem. Furtado da Cunha (1996, p. 45) indica o conceito de transitividade desenvolvida pelos autores norte-americanos como um universal linguístico de função discursivo-comunicativa, uma vez que “o maior ou menor grau de transitividade reflete a maneira como o falante estrutura o seu discurso para atingir seus alvos comunicativos”.

A proposta dos autores consiste em isolar as partes componentes da noção de transitividade e estudar a maneira pela qual elas estão codificadas pela/na linguagem. Hopper e Thompson (1980, p. 251) identificam dez parâmetros de transitividade, que sugerem uma escala em que orações podem ser classificadas. Os dez parâmetros funcionam juntos e articulados na língua, o

que significa que nenhum deles sozinho é suficiente para determinar a transitividade da oração (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 46). Desse modo, para os autores, a transitividade é uma noção contínua, escalar, não categórica. O Quadro 1 e o Quadro 2 apresentam os parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson.

Quadro 1 – Parâmetros de Transitividade concebidos por Hopper e Thompson³

Parâmetro	Alta Transitividade	Baixa Transitividade	Eficácia/intensidade com que cada ação é transferida de um participante para outro
1. Participantes	Dois ou mais participantes (Agente e Objeto)	Um participante	Não pode haver transferência a menos que dois participantes estejam envolvidos.
2. Cinese	Ação	Não-ação	Ações podem ser transferidas de um participante a outro; estados não. Assim, algo acontece com Sally em <i>Eu abracei Sally</i> , mas não em <i>Eu gosto de Sally</i> .
3. Aspecto do verbo	Télico/perfectivo	Atélico/não perfectivo	Uma ação vista do seu ponto final, uma ação télica, é mais eficazmente transferida para um paciente do que uma ação que não tenha término. Na oração télica, <i>Eu comi isso</i> , a atividade é vista como completa e a transferência totalmente realizada; mas em uma oração atélica, <i>Eu estou comendo isso</i> , a transferência é apenas parcialmente realizada.
4. Pontualidade do verbo	Pontual	Não-pontual	Ações realizadas sem nenhuma fase de transição óbvia entre o início e o fim têm um efeito mais marcado sobre seus pacientes do que ações que são inerentemente contínuas. Por exemplo, contraste entre <i>Chutar</i> (pontual) e <i>Carregar</i> (não pontual).
5. Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não-intencional	O efeito sobre o paciente é tipicamente mais aparente quando a ação do agente é apresentada como proposital. Por exemplo, contraste entre <i>Eu escrevi seu nome</i> (intencional) com <i>Eu esqueci o seu nome</i> (não intencional).
6. Polaridade da oração	Afirmativo	Negativo	Ações que aconteceram (afirmativas) podem ser transferidas, orações que não aconteceram (negativas) não. Em <i>Ele não comeu isso</i> , por exemplo, a oração está na negativa, o que indica que a transferência da ação não aconteceu.
7. Modalidade da oração	Modo <i>realis</i>	Modo <i>irrealis</i>	Refere-se à distinção entre a codificação "real" e "irreal" de eventos. Uma ação que não ocorreu ou que é apresentada como ocorrida em um mundo não real (contingente), é obviamente menos eficaz do que uma ação cuja ocorrência de fato asseverada como correspondendo a um evento real.
8. Agentividade do sujeito	(Agente) Alto em potência (agentivo)	(Agente) Baixo em potência (não-agentivo)	Participantes com alta agentividade podem efetuar a transferência de uma ação de um modo que participantes com baixa agentividade não podem. Assim, a interpretação normal de <i>George me assustou</i> é de um evento perceptível com consequências perceptíveis, mas <i>A fotografia me assustou</i> poderia ser somente uma questão de estado interno.
9. Afetamento do objeto	(Objeto) Total/e afetado	(Objeto) Não-afetado	O grau que uma ação é transferida para um paciente é uma função de quão completamente o paciente é afetado. O afetamento é mais efetivo em <i>Eu bebi todo leite</i> do que em <i>Eu bebi um pouco do leite</i> .
10. Individualização do objeto	(Objeto) Individualizado	(Objeto) Não-individualizado	Refere-se tanto ao fato do paciente ser distinto do agente quanto à distinção entre paciente e plano de fundo. Os referentes dos substantivos com propriedades à esquerda no Quadro 2 (abaixo) são mais individualizados do que os com propriedade à direita.

Fonte: Adaptado Hopper e Thompson (1980, p. 252-253) e Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 47-48).

³ As traduções para o português, em sua maioria, foram realizadas a partir da leitura de Furtado da Cunha e Souza (2011).

Quadro 2 – Propriedades da individualização

Individualizado	Não-individualizado
Próprio	Comum
Humano, animado	Não-humano, inanimado
Concreto	Abstrato
Singular	Plural
Contável	Incontável
Referencial, definido	Não referencial

Fonte: Adaptado Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 49) e Hopper e Thompson (1980, p. 253).

Quanto mais uma oração apresentar traços dos componentes alocados na coluna esquerda do Quadro 1 e do Quadro 2, maior será seu nível de transitividade. Nas palavras de Oliveira (2009, p. 55), “[...] o estudo da transitividade passou, a partir desses parâmetros, a ser observado em termos de gradiência que a oração pode assumir em termos de transitividade, sendo esta, portanto, entendida como um fenômeno escalar, que se dá em um *continuum*”.

Essa noção de transitividade se contrapõe à visão habitualmente defendida pela gramática tradicional, que sugere que o fenômeno da transitividade seja visto exclusivamente como uma propriedade verbal. Ao deslocar a noção de transitividade para a oração, evidenciando a gradiência que os componentes oracionais podem assumir em uma escala de alta e baixa transitividade, Hopper e Thompson ressaltam como as orações que proferimos são minuciosamente arquitetadas para carregar intenções comunicativas no nível do discurso.

Hopper e Thompson (1980, p. 253-254) fornecem exemplos de orações com alto e baixo teor de transitividade. Esses exemplos são expostos na sequência deste artigo:

- (1) a) *Jerry likes beer (Jerry gosta de cerveja)*
b) *Jerry knocked Sam down (Jerry nocauteou Sam)*
c) *There were no star in the sky (Não havia estrelas no céu)*
d) *Susan left (Susan saiu)*

Comparando as sentenças, 1b é a que apresenta o maior nível de transitividade, uma vez que há dois participantes, ação, telicidade, pontualidade, sujeito intencional, oração afirmativa, modo *realis*, sujeito agentivo, afetamento total do objeto e alta individualização do objeto (humano, próprio e singular). Nesse sentido, o exemplo 1b pode ser considerado uma oração transitiva canônica, pois apresenta todas as partes componentes de alta transitividade marcadas positivamente. Em contrapartida, a sentença com menor grau de transitividade é o exemplo 1c, que marcado positivamente tem apenas pontualidade e modalidade.

A segunda oração mais transitiva dos exemplos listados por Hopper e Thompson (1980) é 1d. Dos parâmetros propostos, 1d traz marcado positivamente sete deles: ação, telicidade, pontualidade, intencionalidade, polaridade, modalidade e agentividade. O exemplo 1a tem o segundo menor teor de transitividade (perde apenas para 1c): não há ação, o verbo é atético, não há pontualidade, afetamento e individualização do objeto.

Percebe-se, conforme indicam Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 52), que se essas sentenças fossem classificadas pela gramática tradicional, somente as três primeiras seriam transitivas. Isso demonstra que há divergências entre o funcionalismo (de Hopper e Thompson) e a gramática tradicional quanto à noção de transitividade.

Furtado da Cunha e Souza (2011), mobilizando os parâmetros de Hopper e Thompson (1980), analisam dados do português falado do Brasil. As autoras examinam narrativas publicadas no *corpus Discurso & Gramática* e sugerem que os dados parecem indicar que as orações transitivas prototípicas não são muito frequentes nos discurso espontâneo. Nesse tipo de discurso, segundo elas, há tendência de eliminar o objeto paciente da ação verbal, ou por ele ser recuperável no contexto de iteração ou por sua presença ser irrelevante no ato de comunicação. A eliminação do objeto acarreta a ausência de três parâmetros

de transitividade: participantes, afetamento e individualização (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 59).

Oliveira (2009), também seguindo os parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson, analisa o nível de transitividade em textos opinativos. A partir dos seus dados, a autora conclui que nos relatos de opinião a transitividade das cláusulas é baixa. Os dados analisados por Hopper e Thompson, no artigo publicado em 1980, eram referentes a um *corpus* de textos narrativos. Nesse tipo de texto, os autores estabeleceram que as orações apresentavam alta transitividade. Esse tipo de pesquisa, que analisa dados de diferentes tipos de texto, se faz importante, pois possibilita que se conheçam as características de diferentes discursos. Tal conhecimento auxilia interlocutores a entender como podem alcançar melhor seus objetivos de comunicação para determinados fins em diferentes contextos.

A próxima seção expõe a forma como a LSF desenvolve a concepção de transitividade. Como será discutido na sequência deste artigo, a LSF possui um aparato analítico bastante diferente do proposto por Hopper e Thompson, mas que também constrói um fenômeno de transitividade que leva em conta propósitos comunicativos dos usuários da língua.

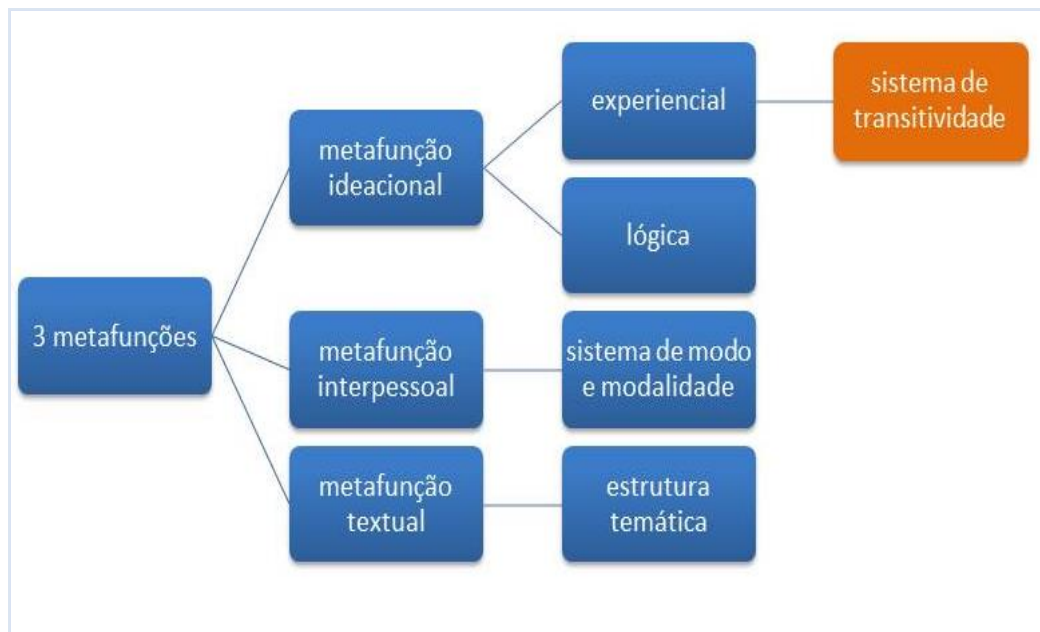
O sistema de transitividade de Halliday

O arcabouço teórico da LSF tem como base os estudos da Gramática Sistêmico-funcional (doravante GSF) construída por Halliday e sistematizada na obra *An introduction to Functional Grammar* publicada pela primeira vez em 1985. A obra teve uma segunda edição em 1994 e uma terceira edição, revista e ampliada com a colaboração de Matthiessen, em 2004. A concepção de transitividade desenvolvida na LSF está associada à metafunção ideacional, que será apresentada ao longo desta seção.

A LSF é uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana, de caráter descritivo e com base no uso linguístico (GOUVEIA, 2009, p. 14). Para Halliday, a língua se organiza em torno de redes relativamente independentes de escolhas, as quais correspondem a certas funções básicas da linguagem (GOUVEIA, 2009 p. 15). Essas funções da linguagem são denominadas pelo linguista inglês de metafunções que podem ser definidas como, “manifestações no sistema linguístico dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual)” (FUZER; CABRAL, 2010, p. 21).

Cada uma das metafunções perpassam todas as instâncias de realização da linguagem (fonologia e grafologia; léxico-gramática; semântica e pragmática; e contexto e discurso). A metafunção ideacional divide-se em duas subfunções: experiencial e lógica. Enquanto a função lógica é responsável pela combinação de grupos lexicais e oracionais, tendo como unidade de análise o complexo oracional; a função experiencial dá conta das representações de mundo, tendo a oração como unidade de análise (FUZER; CABRAL, 2010, p. 22). Na análise da oração, age o sistema de transitividade, que constrói o mundo da experiência em um conjunto gerenciável de tipos de processos, sendo que cada tipo de processo fornece maneiras de interpretar nossas representações de mundo (HALLIDAY, 2004, p. 170). Nessa perspectiva, a noção de transitividade é estudada em relação à sua função social (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 67). A Figura 1 ilustra as três metafunções da linguagem concebidas por Halliday e os sistemas que operam em cada uma das metafunções.

Figura 1 – As metafunções e os respectivos sistemas léxico-gramaticais



Fonte: Fuzer e Cabral (2010, p. 23).

Como o foco deste artigo está no sistema de transitividade (destacado na Figura 1), que opera na metafunção ideacional, não serão abordadas as descrições das outras metafunções e seus respectivos sistemas. Vale ressaltar, entretanto, que: i) a metafunção interpessoal dá conta da interação entre os participantes de uma situação, assim como da interação desses participantes com a sociedade; e ii) a metafunção textual organiza a linguagem em uma unidade de sentido, dando conta das decisões que o falante toma com relação à distribuição da informação.

A LSF e o modelo proposto por Hopper e Thompson (1980) têm em comum o fato de rejeitarem a concepção de transitividade da gramática tradicional e de adotarem a transitividade como sistema (ou meio) de descrição de toda uma oração. A metafunção ideacional, em que o fenômeno da transitividade atua, envolve três componentes: processos, participantes e circunstâncias. O Quadro 3 explicita mais detalhadamente cada um desses componentes.

Quadro 3 – Componentes da oração no sistema de transitividade⁴

COMPONENTES	DEFINIÇÃO	CATEGORIA GRAMATICAL TÍPICA	EXEMPLO
Processos	É o elemento central da configuração, indicando a experiência do desdobramento através do tempo.	Grupos verbais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob influência do estado puerperal.
Participantes	São entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados –, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos nominais	A mãe mata o recém-nascido , durante o parto ou logo após, sob influência do estado puerperal.
Circunstâncias	Indica, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito que o processo se desdobra	Grupos adverbiais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob influência do estado puerperal.

Fonte: Fuzer e Cabral (2010, p. 27).

Halliday (2004) descreve seis tipos de processos: materiais, mentais, relacionais, comportamentais, verbais e existenciais. Desses seis processos, na proposta de Halliday, os materiais, mentais e relacionais são considerados processos principais. Os processos comportamentais, verbais e existenciais são processos secundários que se encontram na fronteira entre cada um dos processos principais. Por exemplo, no limite entre processos materiais e relacionais estão os existenciais; na divisa entre relacionais e mentais estão os verbais; e na fronteira entre processos mentais e materiais surgem os comportamentais.

Cada um desses processos forma orações que têm participantes específicos. O Quadro 4 detalha as especificações de cada situação.

Quadro 4 – Tipos de orações com processos e participantes

⁴ As traduções para o português foram realizadas a partir da leitura de Fuzer e Cabral (2010). Ressalta-se que a obra dessas autoras não consiste em uma tradução da teoria de Halliday, mas uma sistematização de aspectos fundadores do constructo teórico da GSF aplicados à Língua Portuguesa.

TIPOS DE ORAÇÃO/PROCESSO	SIGNIFICADO DA CATEGORIA	PARTICIPANTES	EXEMPLOS DE PROCESSOS
Material: transformativo e criativo	Fazer, acontecer Representam uma quantidade de mudança no fluxo de eventos.	Ator, meta, escopo, beneficiário (cliente, receptor) e atributo	Fazer, construir, transformar, pintar, quebrar
Mental: perceptivo, cognitivo, emotivo e desiderativo	Perceber, pensar, sentir, desejar Representa a experiência de mundo da nossa consciência.	Experienciador e fenômeno	Perceber, sentir, ver, lembrar, gostar, querer
Relacional: intensivo, possessivo e circunstancial	Caracterizar, identificar Estabelecer relação entre entidades diferentes, representando características e identidade.	Portador, atributo, identificador e identificado	Ser, estar, ter
Comportamental	Comportar-se Representa processos de comportamento (tipicamente humanos) fisiológicos e psicológicos.	Comportante e comportamento	Rir, chorar, dormir, cantar, tossir
Verbal	Dizer Estruturam-se tendo como centro processos de dizer.	Dizente, verbiagem, receptor e alvo	Dizer, recomendar, responder, contar
Existencial	Existir Representam algo que existe ou acontece.	Existente	Haver, existir

Fonte: Fuzer e Cabral (2010, p. 103).

Conforme mostra o Quadro 4, os processos materiais são de dois tipos: criativos e transformativos. Criativos são aqueles que são trazidos à existência no desenvolvimento do processo, passando a existir no mundo (p. ex.: *formar, emergir, fazer, construir, escrever*, etc.) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 35). Os transformativos são resultados da mudança de algum aspecto de um participante já existente (p. ex.: *girar, abrir, limpar, arrumar, cortar*, etc.) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 35). Quanto aos participantes dos processos materiais, o ator é definido como aquele que provoca o desenrolar da ação e a meta como participante afetado pela ação do ator. Escopo ocorre quando um participante não é afetado pela performance do processo (p. ex.: Seguir *a trilha*) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 38). Beneficiário é participante que se

beneficia de um processo, sendo recebedor quando recebe bens materiais (p. ex.: Eu dei *ao meu amor* um anel) e cliente quando recebe serviços (p. ex.: O bom pai construiu *para seus filhos* um futuro tranquilo) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 39-40). Por último, o atributo é um participante mais característico de processos relacionais, mas pode, por vezes, também surgir em processos materiais, representando a característica atribuída (p. ex.: O bebê havia nascido *morto*) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 40).

Os processos mentais são divididos em quatro tipos: perceptivos (quando constroem percepções); cognitivos (expressam cognição); emotivos (quando representam graus de afeição) e desiderativos (quando representam desejos) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 51-52). Os participantes das orações mentais são o experienciador, aquele que é sujeito da experiência (p. ex.: *Eu* gostei do filme) e o fenômeno, aquilo que é sentido, pensado, desejado (p. ex.: *Eu* gostei do *filme*). (FUZER; CABRAL, 2010, p. 49).

Processos relacionais são divididos em três categoriais. Os intensivos caracterizam uma entidade (p. ex.: Lula era sindicalista) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 68). Os circunstanciais ocorrem quando a relação entre dois eventos é de tempo, lugar, modo, causa, acompanhamento, papel, assunto, ângulo (p. ex.: O inquérito policial é sobre o delito de infanticídio) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 69). Os possessivos expressam a relação entre entidades de posse (p. ex.: O prédio é da prefeitura.) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 69-70). Quanto aos participantes dos processos relacionais, os portadores são as entidades as quais são atribuídas características e os atributos as características atribuídas (p. ex.: *Mário Quintana* é *poeta*, respectivamente) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 72-73). O participante denominado identificado é aquele que recebe a identificação e identificador é a entidade atribuída ao identificado (p. ex.: *Espanha* e *Alemanha* foram as finalistas da *Copa em 2010*, respectivamente) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 72-73).

Para Halliday (2004), os participantes dos processos verbais são dizente, verbiagem, receptor e alvo. Dizente é o participante falante (p. ex.: *Eu disse isso*). Verbiagem é o que o dito pode representar (p. ex.: *Descreva sua situação, Ele fala francês*) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 81). Receptor é o participante ao qual a mensagem é dirigida (p. ex.: *O aluno perguntou a hora para o professor*) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 81). Alvo é a entidade atingida pelo processo de dizer (p. ex.: *Polícia Federal acusa Dantas de intimidação e corrupção*) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 81). Processos verbais são comuns em textos narrativos, em sequências dialógicas, em textos jornalísticos e acadêmicos, quando a intenção é marcar a voz do locutor e do interlocutor (FUZER; CABRAL, 2010, p. 81).

Os participantes dos processos comportamentais são o comportante e o comportamento. Comportante é o participante portador de um comportamento (p. ex.: *Bruno dá uma risada, respectivamente*) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 89-90). Por fim, processos existenciais possuem apenas um participante, o existente, que é aquele que existe (p. ex.: *Houve uma alta de 70, 7% nas vendas de computadores*) (FUZER; CABRAL, 2010, p. 95). Além disso, processos existenciais aparecem com certa frequência no discurso de divulgação de experimentos científicos da ciência como nas revistas *Galileu* e *Superinteressante*, por exemplo. Conforme aponta a pesquisa de Lima (2013), é comum a mobilização desse tipo de processo quando se quer relatar características de experimentos.

Além de processos e participantes, no sistema de transitividade concebido por Halliday, operam também circunstâncias. Halliday (2004) apresenta nove tipos de circunstâncias: extensão, localização, modo, causa, contingência, acompanhamento, papel, assunto e de ângulo. O Quadro 5 ilustra cada tipo de circunstância e seus respectivos exemplos.

Quadro 5 – Tipos de circunstâncias

Tipos	Exemplos	
1. Extensão	Distância (a que distância?)	Caminhar (por) <i>2 km</i> ; Parar a <i>cada cem metros</i> .
	Duração (há quanto tempo?)	Ficar (por) <i>duas horas</i> ; Sentar a <i>cada dez minutos</i> .
	Frequência (quantas vezes?)	Bater <i>três vezes</i> ; Explicar <i>várias vezes</i> .
2. Localização	Lugar (onde?)	Estudar <i>na biblioteca</i> ; Chegar <i>perto</i> .
	Tempo (quando?)	Sair ao <i>meio dia</i> ; Chegar <i>logo</i> .
3. Modo	Meio (como? Com o que?)	Cortar <i>com uma faca</i> ; Amarrar <i>com arame</i> .
	Qualidade (Como?)	Chegar <i>calmamente/ em completo silêncio</i> .
	Comparação (Como é? Com que parece?)	Jogar <i>como Pelé</i> ; Fazer <i>diferente dos outros</i> .
4. Causa	Razão (Por quê?)	Chorar <i>por causa do namorado</i> .
	Propósito (Para quê?)	Trabalhar <i>na expectativa de promoção</i> .
	Interesse/representação (Por quem?)	Falar <i>por você</i> ; Votar <i>a favor do candidato</i> .
5. Contingência	Condição (por quê?)	Acionar o alarme <i>em caso de incêndio</i> .
	Falta	<i>Na falta dos pais</i> chamar os tios; <i>Sem recursos</i> não se faz a obra.
	Concessão	Correr <i>apesar do cansaço</i> ; Calar-se <i>a despeito das ofensas</i> .
6. Acompanhamento	Comitativo (Com quem? Com o quê?)	Viajar <i>com a mãe</i> ; Festejar <i>junto dos amigos</i> .
	Aditivo (Quem mais? O que mais?)	Pedro partiu e <i>João também</i> ; <i>Além das roupas</i> , João levou os livros.
7. Papel	Estilo/aparência (ser como o quê?)	Falar <i>como político</i> ; Agir <i>como rei</i> .
	Produto (O quê? Em quê?)	Voltar <i>como um indigente</i> ; Cortar isso <i>em tiras</i> .
8. Assunto	(Sobre o quê?)	Falar <i>sobre Paris</i> ; Escrever <i>a respeito dos outros</i> .
9. Ângulo	Recurso	<i>Para Halliday</i> , a linguagem é multifuncional.
	Ponto de vista	É culpado <i>aos olhos da mídia</i> .

Fonte: Fuzer e Cabral (2010, p. 44-45).

Por meio desses três componentes – processos, participantes e circunstâncias – o sistema de transitividade moldado na LSF “permite identificar as ações e as atividades humanas que estão sendo expressas no discurso e que realidade está sendo retratada” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 68).

Um dos fundamentos do constructo teórico da LSF é ressaltar que a linguagem humana envolve escolhas. Os usuários da língua mobilizam em sua fala diferentes itens léxico-gramaticais a fim atingir seus objetivos discursivos. Os diferentes tipos de processos, participantes e circunstâncias do sistema de transitividade marcam as escolhas possíveis que os integrantes da sociedade têm a sua disposição para representar e compreender o meio em que vivem. Em função disso, como indicam Fuzer e Cabral (2010, p. 6), a LSF tem sido vista como uma rica teoria e ferramenta analítica para abordagens da Análise Crítica do Discurso, estudos de multimodalidade – como a Gramática do Design Visual (KRESS; LEEUWEN, 2006) –, teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), entre outras.

A próxima seção traz as considerações finais deste artigo, onde, sucintamente, se retomam as duas noções de transitividade descritas neste estudo e se discorre sobre suas semelhanças e diferenças.

Considerações Finais

A tradição funcionalista da linguagem “contextualiza a língua na situação social em que se dá a interação verbal, cujas representações estruturais são então estudadas” (CASTILHO, 2012, p. 20). Esse pensamento se contrapõe ao modo formalista de analisar a linguagem, uma vez que o formalismo “contextualiza a língua nela mesma, isto é nas suas propriedades internas, selecionando a gramática como seu componente central” (CASTILHO, 2012, p. 20). Dentro da corrente dos estudos funcionalistas, este artigo almejou discutir teoricamente a noção de transitividade em duas perspectivas diferentes: no funcionalismo norte-americano de Hopper e Thompson e na LSF de Halliday.

Na vertente norte-americana de Hopper e Thompson, a transitividade, assim como a língua, é explicada do ponto de vista do contexto e da situação extralinguística da atividade comunicativa, pois suas explicações vêm do uso

(FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 21). Hopper e Thompson situam a transitividade como uma propriedade contínua, escalar e gradiente da oração como um todo e não como uma propriedade categórica do verbo. A transitividade, nessa perspectiva, pode ser analisada por meio de dez parâmetros: participantes, cinesa, aspecto, pontualidade, intencionalidade, polaridade, modalidade, agentividade, afetamento e individualização. Esses dez parâmetros, quando presentes ou não, determinam a transitividade alta ou baixa de orações e textos permitindo uma análise detalhada dos sentidos semântico-pragmáticos em contextos discursivos específicos.

A LSF postula a língua enquanto escolha de falantes em situações comunicativas, buscando desvelar os sentidos das escolhas de determinadas formas linguísticas em detrimento de outras. Conforme proposto por Gouveia (2009), a LSF é uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana, de caráter descritivo e com base no uso linguístico. Segundo esse aparato teórico, a transitividade é vista como o sistema que ativa a metafunção ideacional, subfunção da linguagem que dá conta da forma como as representações de mundo do falante são transpostas na linguagem. Os componentes da transitividade na LSF são: processos (grupos verbais), participantes (grupos nominais) e circunstâncias (grupos adverbiais). Esses três componentes não permitem classificar a transitividade de uma oração em alta ou baixa, mas possibilitam uma rica descrição e análise das representações das escolhas dos falantes em dadas situações contextuais.

Os dois arcabouços teóricos são filiados à corrente de estudos funcionalista, rejeitam a concepção da gramática tradicional e constroem um fenômeno de transitividade que leva em conta os propósitos comunicativos dos usuários da língua. Por outro lado, as duas perspectivas fundamentam-se em noções e em ferramentas analíticas linguísticas diferentes. Quanto a essas diferenças, Neves (1997, p. 55-56) relata que o funcionalismo proposto por

Sandra Thompson e Paul Hopper pode ser considerado, segundo a classificação de Van Valin Junior (1990), como extremado. Segundo a autora, o “funcionalismo extremado nega a realidade da estrutura como estrutura, e considera que as regras se baseiam internamente na função, não havendo, pois, restrições sintáticas” (NEVES, 1997, p. 56). Em contrapartida, o funcionalismo desenvolvido na LSF, segundo a mesma classificação, pode ser categorizado como moderado. Esse tipo moderado de funcionalismo aponta a inadequação do formalismo e propõe uma análise funcionalista da estrutura, não a negando completamente (NEVES, 1997, p. 55).

Oliveira (2009, p. 154) pontua em sua pesquisa que enquanto Halliday concebe a transitividade como “centrada no verbo e nos seus actantes, Hopper e Thompson (1980) partem do estudo da cláusula para entender o processo de ordenação e de constituição do sentido, ou seja, para entender a relação de transitividade nos textos narrativos”.

Este estudo entende que Halliday não deixa a transitividade centrada apenas no verbo e em seus actantes. O sistema de transitividade proposto pelo linguista inglês é capaz de descrever detalhadamente a forma como sujeitos representam o mundo em que vivem. A diferença é que o modelo de Hopper e Thompson oferece categorias mais abrangentes para análise dos vários níveis de transitividade de uma oração enquanto, o de Halliday deixa a transitividade ligada a metafunção ideacional. Mesmo assim, Halliday também leva em conta as categorias de polaridade e modalidade, por exemplo, porém, as liga a outro sistema, o sistema de modo e modalidade, que opera na metafunção interpessoal (da linguagem como troca). Por isso, ponto de vista este estudo gostaria de sustentar é que as duas abordagens funcionais são extremamente frutíferas para análise do uso efetivo da língua.

Referências

- CASTILHO, Ataliba T. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, Edson Rosa (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Transitividade e passiva. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 4, p. 43-61, 1996.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em Língua portuguesa*. Santa Maria: UFSM, 2010. Caderno didático.
- GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, 2009.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: H. Arnold, 2004.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Pat A. In: HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar discourse. *Language*, Baltimore, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.
- KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo van. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, 2006.
- LIMA, Lauro Rafael. *Processos existenciais em reportagens de capa da revista superinteressante*. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- MARTIN, James; WHITE, Peter R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. London: Continuum, 2005.
- NEVES, Maria Helena de M. *A gramática funcional*. São Paulo: M. Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Aline Moraes. *A transitividade: da visão tradicional ao funcionalismo*. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3, p. 165-218.

VAN VALIN JUNIOR, Robert D. Functionalism, anaphora and syntax. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 14, n. 1, p. 169-219, 1990.